

# SER MULHER E SER RESISTENTE AO LONGO DA DITADURA DO ESTADO NOVO (1926-1974)

ESCOLA SECUNDÁRIA CAMÕES – 23 MAIO 2017

ANI DAVIDOVA, 12.º L - 2016/2017

CECÍLIA CUNHA (DOCENTE) HELENA PINTO JANEIRO (TUTORA)



# Temática/Problemática

- ▶ A questão feminina na resistência ao regime autoritário do Estado Novo e a ruptura com os valores idealizados pelo regime.
- ▶ De que modo a imagem feminina concebida influenciou a atitude da mulher resistente no seio da oposição antifascista, junto dos seus camaradas homens, e também face à polícia política?
- ▶ Será que a imagem e o tratamento dado às mulheres na prisão acusava diferenças que provinham das mentalidades?
- ▶ Existiria um padrão no modo de tratamento das mulheres na prisão, consoante o seu estatuto social?

# A imagem da Mulher no conjunto da sociedade



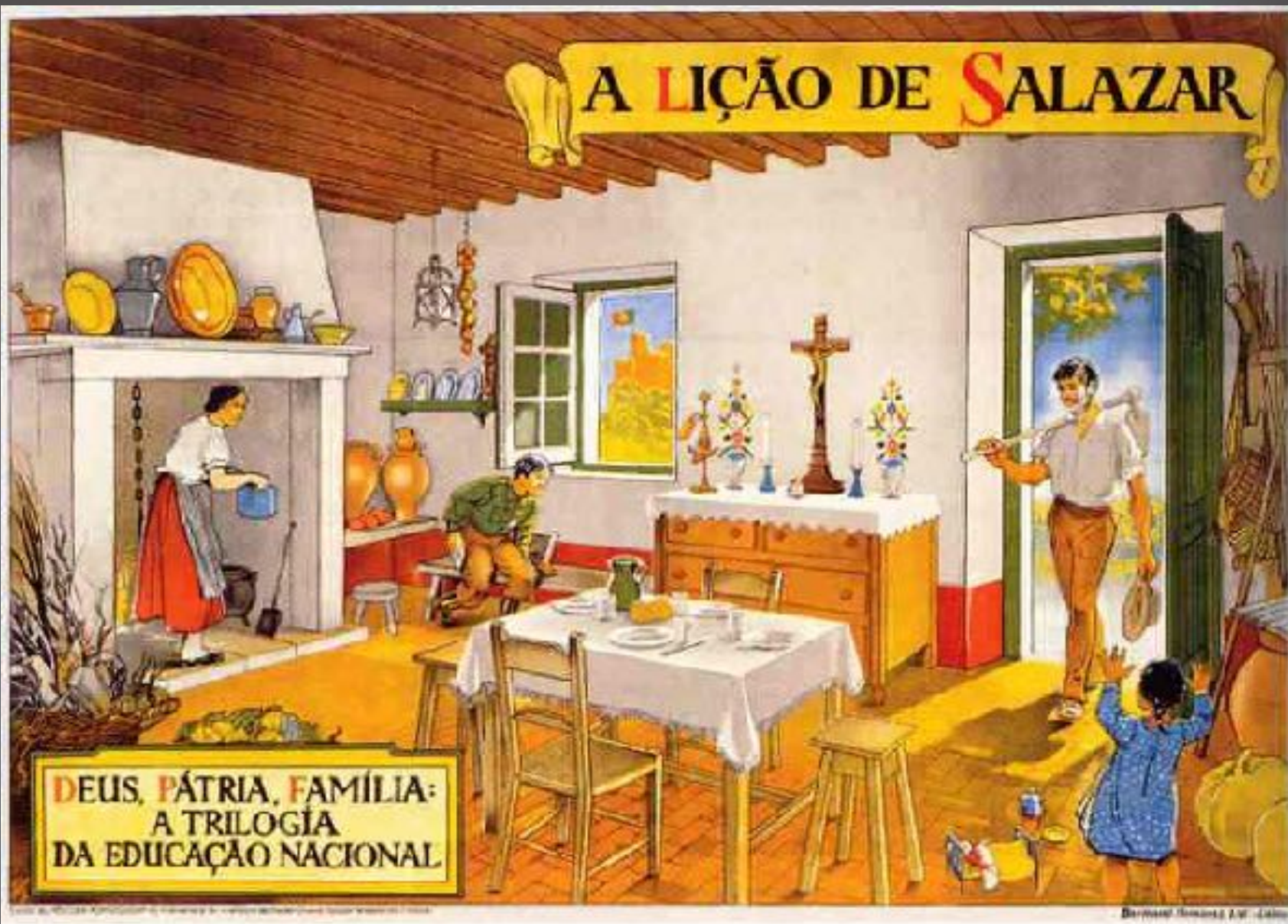


*«O meu pai, de índole fascizante, admirava Salazar que “só não fazia melhor porque o não deixavam”. Assim que se entrava na minha casa deparava-se com um busto de Salazar de um material icterício. Apesar de certa rebeldia da minha mãe, o meu pai decidiu que deixasse de ser professora primária para assumir a sua natural função, “esposa e mãe”».*

*Helena Neves, in Mulheres de Abril*

*«Salazar fazia dos homens escravos mas dava-lhes as mulheres como bibelots. Os homens podiam fazer o que quisessem das mulheres».*

*Julieta Rocha, in Mulheres de Abril*



«Deus, Pátria, Família: A Trilogia da Educação Nacional»

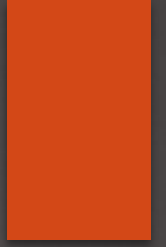




*«O facto de se isolar a mulher numa existência limitada às tarefas domésticas, considerando incompatível a sua função de esposa e mãe com a realização plena como ser humano, não contribui para a valorizar nem a torna feliz».*

*Maria Lamas, in As Mulheres do meu País*

# Oposição Feminina



*«A política do Estado Novo – a manutenção da guerra colonial – permitiu que as mulheres dessem um salto importantíssimo, a entrada na produção, em substituição dos homens que estavam nas frentes de combate; e sair de casa para o trabalho no exterior foi, obviamente, muito importante em termos de consciencialização para os problemas sociais».*

Diana Andringa





*«A política que eu tinha na altura era a de mim mesma. A de lutar por mim e pelos outros, sem pertencer a nenhuma organização».*

*Julieta Rocha, in Mulheres de Abril*



«Em Fevereiro de 1953, dias após ter completado 7 anos, e meses depois de ter entrado para a escola, o meu pai despediu-se da fábrica onde trabalhava desde os 17 anos e fomos morar para Lisboa. Iniciávamos a preparação para a clandestinidade. Os meus pais tiveram de cortar todo e qualquer contacto com os familiares».

Domicília Costa, in *Mulheres de Abril*

«Tivemos uma reunião com o Joaquim Pires Jorge, na Ericeira, em que ele nos propôs, a mim e ao José Dias Coelho, entrarmos para a clandestinidade. Nessa altura, já tinha nascido a nossa filha mais velha, a Teresa».

Margarida Tengarrinha, in *Mulheres de Abril*

Discriminação ou igualdade de género  
na resistência?



*«As mulheres continuaram a ser vistas na oposição, antes do mais, como “representantes” do sexo feminino e só depois como individualidades. E, na verdade, mesmo quando assumiram responsabilidades políticas, foi diminuto o poder de que se viram investidas».*

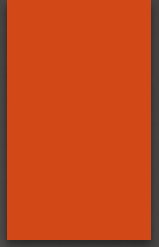
Vanda Gorjão, *in Mulheres em Tempos Sombrios*



*«Eram raras as dirigentes associativas. [...] a maioria [das mulheres] ia às reuniões, fazia as tarefas – distribuir comunicados, pintar cartazes, ir às manifestações – mas falava pouco. E alguns dos nossos colegas teciam comentários machistas sobre as (poucas) que tomavam posições, falavam, etc... [...]*

*No seio da oposição, tínhamos de passar o tempo a demonstrar que éramos tão capazes como os homens e que defender os direitos das mulheres não enfraquecia a luta comum contra o fascismo e o colonialismo».*

Diana Andringa



*«Em geral, a população masculina nestas coisas de género, é bastante machista, digam lá o que disserem, mesmo os comunistas [...] sei evidentemente, porque conheço muitas camaradas, que há muitos camaradas que acham que a mulher, a camarada mulher, é para fazer umas coisas e o camarada homem é para fazer outras».*

Margarida Tengarrinha, *in Mulheres na Clandestinidade*



# A questão da desigualdade de género face à PIDE



*«Foi quando a PIDE se apercebeu de que as mulheres começavam a desempenhar tarefas como os homens, que as mulheres do Couço começaram a ser espancadas, a passar noites na polícia, a fazer estátua – de pé e sentada –, enfim, torturas».*

*Olímpia Brás, in As Mulheres do Couço*

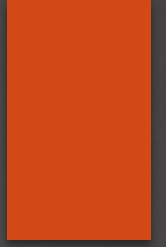
*«Durante muitos anos a PIDE não maltratou as mulheres, as primeiras mulheres a serem espancadas foram as camponesas do Couço, [...] até à guerra, houve a noção de que a política era uma coisa de homens [...] Depois da guerra, houve alterações – começaram também a levar pancada e a sofrer a tortura do sono [...]».*

*Fernando Rosas, in Viver e Resistir no tempo de Salazar*

*«Na União dos Resistentes Antifascistas tive depois acesso a depoimentos de muitas mulheres que estiveram presas. E ainda sinto uma grande revolta porque elas não eram só torturadas como os homens, ainda eram humilhadas sexualmente. [...] Nós falamos dos alemães, dos franceses na Argélia, que torturaram queimando os seios das mulheres com cigarros, mais isso também se fez cá. Cá torturou-se muito as mulheres humilhando-as na sua condição feminina».*

Luísa Irene Dias, *in Mulheres em Tempos Sombrios*

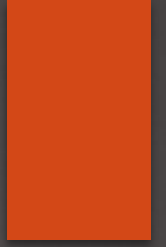




*«Havia, de facto, uma preocupação de humilhar as pessoas. [...] Eles tinham de humilhar, tinham de quebrar, tinham de rebaixar, tinham de ficar por cima daquela pessoa. Eles, aliás, diziam desta maneira: “Isto é uma guerra: uma vez vencemos nós, outras vezes vencem vocês».*

*Aurora Rodrigues, in No Limite da Dor*

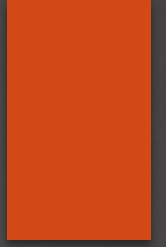




*«Nós, em todo o caso, ao contrário das mulheres operárias, das camponesas, não apanhávamos pancada. Isso eles não se atreviam. Mas elas, quando lá caíam, apanhavam e apanhavam mesmo. Era uma questão de estatuto social. Tinham que ter muita força. Eram muito mais maltratadas do que as mulheres de outras classes».*

*Maria Branca Lemos, in Mulheres em Tempos Sombrios*





*«Isso [espancamentos] eles não tinham coragem. Não se atreviam a fazê-lo a pessoas como eu. [...] Na PIDE, tenho a certeza de que contou a questão de classe. Acontecia humilharem fisicamente – deixando-as nuas, por exemplo – mulheres presas, no meu caso o mais que fizeram foi dizer algumas bocas – e bocas de pides não chegavam aos meus ouvidos».*

Diana Andringa

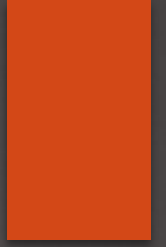


*«Eu nunca pensei poder aguentar assim. Se eu tivesse pensado antes, não tinha coragem de passar aquele tempo sem me deixarem sentar, sem me deixarem dormir. Foram três dias na Antónia Maria Cardoso com tortura do sono e estátua. A Maria Eugénia esteve sete dias com tortura do sono».*

*Stella Piteira Santos, in Mulheres em Tempos Sombrios*

*«Os interrogatórios eram frequentes e duravam dias e noites a fio, debaixo de ameaças permanentes, tortura psicológica e física, privação do sono e injúrias».*

*Graça Marques Pinto, in Mulheres de Abril*



*«Com certeza que tinha conhecimento das desigualdades de tratamento consoante a classe. Há problemas comuns, de discriminação, de desigualdade, mas a vida de uma mulher da alta burguesia era obviamente diferente da da sua “criada de servir”. E sim, eu não era distraída nessas coisas. Via como as pessoas viviam, como eu devia seguir para a Universidade e as minhas coleguinhas da escola de Rio de Mouro iriam provavelmente ser criadas de servir – ou, com sorte, empregadas numa fábrica...».*

Diana Andringa



